

**Pressupostos e desafios da construção  
da Universidade Pós-colonial:  
Questões e hipóteses de trabalho sobre  
a Universidade de Cabo Verde**

---

**Gaudino Cardoso**

**2010**

## RESUMO

A presente comunicação tem como objectivo principal questionar e discutir até que ponto a Universidade de Cabo Verde provoca ruptura com o passado colonial e com a racionalidade hegemónica ocidental, no sentido de ser uma universidade pós-colonial, ou seja, uma universidade guiada pela epistemologia do «Sul» e que seja capaz de ser, ao mesmo tempo, local e global e uma forma de globalização contra-hegemónica. Este artigo dá conta de aspectos de continuidade de efeitos do colonialismo e da racionalidade científica ocidental na contemporaneidade cabo-verdiana, sendo a Universidade de Cabo Verde um dos proporcionadores desta situação. No entanto, ao mesmo tempo, verificam-se também aspectos de ruptura, tanto no interior da universidade como em outros segmentos da sociedade. Por outro lado, regista-se uma forte influência do poder político e de universidades ocidentais no funcionamento da Universidade de Cabo Verde, o que dificulta a construção de uma universidade pós-colonial no país. Em face de tudo isso, o autor destaca a necessidade de definição de um modelo epistemológico e de um perfil sociológico para a Universidade de Cabo Verde, ou seja, um modelo de construção de conhecimento válido e inteligível e um perfil de (re)construção social da realidade.

**Palavras-chave:** colonialismo; pós-colonialismo; universidade pós-colonial

## 1. Introdução

O texto que ora apresento reproduz no essencial a comunicação apresentada no Primeiro Colóquio de Doutorandos do CES - Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, realizado na Faculdade de Economia de Coimbra, nos dias 1 e 2 de Outubro de 2009. Este ensaio decorre dos trabalhos da investigação no âmbito da preparação da minha Tese de Doutoramento em Sociologia/Pós-colonialismos e Cidadania Global, cujo tema é a Universidade de Cabo Verde e vem sendo co-orientado pelos Professores Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses, aos quais muito agradeço pela disponibilidade e qualidade da orientação.

Está confirmado que o fim do colonialismo político não significa o fim de todas as outras formas de relação colonial. Como advoga Boaventura de Sousa Santos (2005) a expansão colonial não se ficou apenas pelos campos económico e político e muito menos terminou com o fim dos impérios coloniais.

*“A ciência moderna, progressivamente ao serviço do desenvolvimento capitalista, consolida a sua primazia epistemológica. Ou seja, as duas zonas de contacto, entre a modernidade ocidental e as sociedades não ocidentais, a zona colonial e a zona epistemológica, ambas caracterizadas por desigualdades drásticas de poder, foram*

*progressivamente transformando uma na outra - um processo de fusão que contribui precisamente para que o colonialismo como relação social sobrevivesse ao colonialismo como relação política" (Santos, 2006:29).*

Nesta perspectiva, é de se colocar a hipótese de que também na contemporaneidade cabo-verdiana existem efeitos do colonialismo e da racionalidade hegemónica ocidental que interessam discutir e avaliar, na perspectiva pós-colonial e pós-imperial.

*"O pós-colonialismo é um conjunto de correntes teóricas e analíticas, com forte implementação nos estudos culturais, mas hoje presentes em todas as ciências sociais, que têm em comum darem primazia teórica e política às relações desiguais entre o Norte e o Sul na explicação ou na compreensão do mundo contemporâneo" (Santos, 2005: 8).*

Boaventura de Sousa Santos adverte que:

*"Enquanto noutros espaços é o colonialismo, enquanto relação social, que domina os estudos pós-coloniais, no espaço da língua oficial portuguesa, pelo menos no que diz respeito à África e a Timor Leste, o colonialismo político tem ainda uma importância significativa na compreensão e explicação da contemporaneidade" (Santos, 2006: 41).*

Assim sendo, é de se questionar e procurar saber até que ponto a sociedade cabo-verdiana é uma sociedade pós-colonial. É, pois, nesta perspectiva que, tomando a Universidade de Cabo Verde como uma janela, se procura detectar a persistência ou não da colonialidade e da racionalidade hegemónica ocidental na contemporaneidade cabo-verdiana.

## **2. Enquadramento sociológico e questão de partida**

Os efeitos do colonialismo e da racionalidade hegemónica ocidental na nossa contemporaneidade e as asserções do Professor Boaventura de Sousa Santos suportadas no argumento de que «a compreensão do mundo excede em muito a compreensão ocidental do mundo» (Santos, 2002: 239) constituem, entre outras, as linhas forças do quadro sociológico e teórico - conceptual deste trabalho de investigação sobre a Universidade de Cabo Verde. O mesmo é também muito influenciado pela actualidade do pensamento de Amílcar Cabral, quem advoga que é preciso pensar com as nossas próprias cabeças e agir de acordo com a nossa realidade e que diante das coisas do estrangeiro, aceitar aquilo que é aceitável e recusar o que não presta.

De acordo com Boaventura de Sousa Santos (2005), a análise da configuração dos campos de saber é usada para detectar a persistência da "colonialidade" enquanto forma de poder recorrendo a uma análise mais rigorosa de algumas áreas de

controvérsia, como é o caso das teorias do Estado e do Direito, dos saberes, da constituição de cidadanias, através de conflitos sobre o desenvolvimento, etc. O presente trabalho está precisamente concentrado na análise da configuração dos campos de saber, ou seja, da produção e apropriação de saberes e conhecimentos, tomando a Universidade de Cabo Verde como objecto de estudo. Uma questão central e orientadora de toda esta investigação reside no seguinte: - Até que ponto a Universidade de Cabo Verde provoca ruptura com o passado colonial e com a racionalidade hegemónica ocidental?

Portanto, trata-se de um trabalho de investigação centrado essencialmente na questão epistemológica e na necessidade de vigilância epistémica, com o propósito fundamental de detectar a persistência ou não da colonialidade e da racionalidade hegemónica ocidental nas suas várias dimensões, desde as relações políticas, passando pelas relações sociais, económicas e culturais, até às mentalidades e às formas de (re)produção e (re)apropriação de saberes e conhecimentos e às formas de (re)construção social da realidade e de projecção do futuro.

### **3. Questões fundamentais e hipóteses de trabalho sobre a Universidade de Cabo Verde**

A Universidade de Cabo Verde surge depois de três décadas da independência política do país, no momento em que ao nível internacional se debate com os efeitos do colonialismo e da racionalidade hegemónica ocidental da ciência contemporânea, com as políticas científicas e com a crise das ciências sociais e das universidades públicas, no período da afirmação do pós-colonialismo da transição paradigmática da ciência moderna para a ciência pós-moderna; momento em que às instituições de ensino e investigação são exigidas novas políticas, novas metodologias e novas epistemologias. Ao questionarmos até que ponto a Universidade de Cabo Verde provoca ruptura com o passado colonial e com a racionalidade hegemónica ocidental, queremos saber principalmente até que ponto a Europa (o Ocidente) continua a olhar a África com referências coloniais, como é que os africanos, de modo particular os cabo-verdianos, pensam a si próprios e o mundo, como é que em Cabo Verde são questionados e tratados e o conhecimento e o desenvolvimento económico e social, ou seja, a partir de que matriz e em quais condições. Neste âmbito, surge, logo à partida, uma hipótese geral de trabalho que consiste na percepção de que, assim como o legado colonial e a racionalidade hegemónica ocidental se impuseram através de políticas próprias, a ruptura com os efeitos do colonialismo e com a racionalidade hegemónica ocidental deverá passar necessariamente pela materialização de

políticas concretas endereçadas à construção de uma nova racionalidade e de um novo paradigma científico, onde a universidade terá um papel fundamental.

#### **4. A questão epistemológica e a necessidade de vigilância epistémica**

Está assente que o colonialismo não foi apenas político. As antigas colónias conquistaram a independência política, mas continuam a sobreviver outras formas de colonialismo, nomeadamente o colonialismo como relação social. A colonialidade do ser, do poder e do saber e a marginalização do conhecimento endógeno africano são consequências do colonialismo e da racionalidade científica ocidental com as quais ainda hoje convivem as ex-colónias. Por isso importa avaliar no conjunto como é que este «Sul» foi e continua a ser afectado por este processo de colonização, por forma a lançar as bases de um novo paradigma científico, onde os diferentes saberes terão lugar, todos eles possivelmente relacionados e legitimados por quem a eles recorre e os consagra como forma de poder (Santos, 2005).

A realidade cabo-verdiana, devido às suas especificidades históricas, sociais, culturais e políticas, constitui um espaço-tempo propício para problematizar e trabalhar os fenómenos, os processos, as interacções, as forças e as complexidades entre o colonialismo, o pós-colonialismo e a inter-identidade, relacionando-os com a globalização «como uma zona de confrontação entre projectos hegemónicos e projectos contra-hegemónicos. O Sul surge então como protagonizando a globalização contra-hegemónica» (Santos, 2006:30).

#### **5. Procedimentos**

O exposto confirma, com evidente realismo, que há necessidade de criticar, compreender e (re)contextualizar a racionalidade e o legado de pesquisa e produção do conhecimento herdados da experiência colonial, visando a construção de novas epistemologias, novos modelos e novas metodologias, capazes de fazer erguer novas racionalidades, novos paradigmas e novos estilos de vida; capazes de fazer emergir um projecto de pesquisa e de produção de conhecimento descolonizado e libertador, visando «um conhecimento prudente para uma vida decente», como apregoa Boaventura de Sousa Santos (2003). Encarando o pós-colonial como um momento de abertura à diversidade epistemológica do mundo, sendo a universidade, por excelência, uma instituição de produção e reprodução de saberes e conhecimentos e, conseqüentemente, da (re)construção social da realidade, a Universidade de Cabo

Verde é aqui questionada e analisada, na perspectiva pós-colonial, pós-imperial e pós-capitalista.

A universidade terá que funcionar como um espaço intelectual, científico, educativo, cultural e político - um espaço de encontro, produção, apropriação e contextualização de saberes e conhecimentos; um espaço de possibilidades de produção da justiça cognitiva, de reinvenção da emancipação social e de construção da democracia e da cidadania global activa. Assim, a universidade terá que ser necessariamente um espaço de debate e de construção da massa crítica - um espaço de comunidades interpretativas e de referência. A universidade pública, pela sua natureza, está sempre ligada ao Estado, portanto, sempre ligada ao poder político. Mas, o poder político deve proporcionar à universidade a autonomia e a liberdade que ela merece. Jacques Derrida defende que «a universidade deveria ser também, portanto, o lugar onde nada pode isentar-se de ser posto em questão, e nem sequer a figura actual e determinada da democracia» (Derrida, 2003: 14). Logo, a universidade deverá ser uma possibilidade de projectos emancipatórios e construção de processos de globalização contra-hegemónica. Como sugere Almerindo Janela Afonso,

*“Fora das velhas e das novas ortodoxias, há também experiências em curso que continuam a dar sentido a lutas sociais e a políticas públicas em torno de projectos emancipatórios. Para que estes se concretizem e se consolidem é preciso não esquecer que a Educação e as políticas educacionais também devem ser pensadas e equacionadas como parte integrante dos processos de globalização contra-hegemónica” (Afonso, 2003:44).*

## **6. Que modelo para uma universidade pós-colonial em Cabo Verde?**

Concentrando-me no assunto central do meu projecto de tese, agora eu lanço para reflexão e debate a seguinte questão: - Que modelo para a construção de uma universidade pós-colonial em Cabo Verde?

Como assegura Boaventura de Sousa Santos, «Epistemologia é toda a noção ou ideia, reflectida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido. É por via do conhecimento válido que uma dada experiência social se torna inteligível» (Santos, 2009: 9). A questão acima colocada tem a ver essencialmente com o modelo epistemológico de universidade, ou seja, com os princípios fundamentais que guiam a universidade na construção do conhecimento válido e inteligível.

Tem havido discussões e uma ou outra proposta em torno de um modelo para a Universidade de Cabo Verde, mas discussões e propostas que não vão muito além do

modelo político, organizacional e administrativo da universidade. Por exemplo, André Corsino Tolentino (2006) propõe para a Universidade de Cabo Verde o modelo de universidade empreendedora, com o seguinte argumento:

*“O ponto de partida é uma experiência acumulada num conjunto de pessoas e instituições de ensino superior e investigação que é preciso valorizar, transcender e relançar para uma universidade democrática, auto-evolutiva, empreendedora e internacional, financiada através dos sectores público, privado e social [...]. As características do País e da nação obrigam a uma escolha rigorosa do modelo, que não será por certo um modelo clássico de Paris, Londres, Coimbra ou São Paulo, mas um modelo ajustado, que faça sentido, uma universidade cultural, tecnológica e empreendedora com missão definida no cruzamento de três eixos: investigação, ensino e economia, no sentido arte de gerar riqueza” (Tolentino, 2006: 336).*

Apesar da sua relativa importância a proposta de Corsino Tolentino não passa de uma proposta de modelo organizacional e de gestão, no mínimo, um modelo político para a universidade. Pois, Tolentino não toca na questão epistemológica que é apanágio da universidade pós-colonial. Importa, portanto, ter presente que quando se fala de modelo epistemológico e perfil sociológico da universidade, quer-se falar essencialmente da matriz racional e do contexto cultural a partir dos quais se concebe a universidade e se produz o conhecimento. Mais concretamente, falar na maneira como a universidade pensa, produz e utiliza o conhecimento. Significa também pensar como é que a universidade deverá se posicionar na busca da verdade e na transformação dessa verdade em prática social e, conseqüentemente, em factor da justiça social, da justiça cognitiva, da emancipação e da felicidade das pessoas; e, naturalmente, contribuir para o garante das gerações vindouras. Pensar no modelo epistemológico da universidade é pensar essencialmente na maneira como a universidade pensa e trata a Natureza, o Homem, a Sociedade, o Conhecimento e a Cultura. A construção de uma universidade pós-colonial em Cabo Verde, enquanto universidade do «Sul», deverá obedecer à seguinte orientação epistemológica, política e cultural, como recomenda o Professor Boaventura de Sousa Santos:

*“Que nos desfamiliarizemos do Norte imperial e que aprendamos com o Sul [...], que o Sul é, ele próprio, um produto do império e, por isso, a aprendizagem com o Sul exige igualmente a desfamiliarização em relação ao Sul imperial, ou seja, em relação a tudo o que é resultado da relação colonial capitalista” (Santos, 2006:30).*

Nesta perspectiva, a Universidade de Cabo Verde teria que se definir através de um modelo sociológico e de um perfil epistemológico, o que ainda não existe de forma clara e sistemática nesta Instituição. Quando falamos de modelo epistemológico e perfil sociológico da universidade, estamos a falar do paradigma de construção de conhecimento válido e inteligível e do perfil de (re)construção social da realidade. Esta tarefa exige um aprofundamento das questões colonial e pós-colonial, baseado na sociologia das ausências e sociologia das emergências, no cosmopolitismo, no

trabalho de tradução e na ecologia de saberes, passando, necessariamente por uma reforma do sistema educativo, do pré-escolar ao superior. A sociologia das ausências e a sociologia das emergências, juntamente com o trabalho de tradução, permitem-nos desenvolver uma alternativa à razão indolente, na forma daquilo a que Boaventura de Sousa Santos chama razão cosmopolita.

*"Esta alternativa baseia-se na ideia base de que a justiça social global não é possível sem uma justiça cognitiva global [...]. O trabalho de tradução é o procedimento que nos resta para dar sentido ao mundo depois de ele ter perdido o sentido e a direcção automáticos que a modernidade ocidental pretendeu conferir-lhes ao planificar a história, a sociedade e a natureza" (Santos, 2004:273).*

## **7. A questão da universidade em rede: importação de modelos do exterior e fuga à realidade local/nacional**

A Universidade de Cabo Verde dá primazia ao modelo de rede e a sua cooperação e parceria é praticamente centralizada nos países e universidades ocidentais, sendo a sua rede constituída por Brasil, Portugal, Canárias, EUA e França. Perante esta situação, é de se questionar e procurar saber:

- a) Como se justifica essa aposta nas universidades ocidentais, em detrimento das universidades africanas, tendo em consideração o património filosófico e as potencialidades naturais, históricas e culturais da África e as suas inquestionáveis implicações na sócio-cultura cabo-verdiana, bem como a natural vinculação de Cabo Verde a este continente?
- b) Estando a Universidade de Cabo Verde a funcionar em rede, mas apenas com universidades ocidentais, ela não corre o perigo de contribuir para a continuidade do legado colonial e para a determinação da racionalidade hegemónica ocidental?

Merece reparo que o modelo de universidade em rede utilizado pela Universidade de Cabo Verde, para além de não passar de um modelo organizacional, tem contribuído para importação de modelos do exterior e para fuga à realidade local/nacional. Pois, não basta estabelecer o modelo organizacional e administrativo da universidade. Se é importante estabelecer o modelo organizacional e administrativo da universidade também não é menos importante definir o modelo epistemológico e o perfil sociológico da mesma, e é exactamente o que está a faltar à Universidade Pública de Cabo Verde. Isto é, importa definir o modelo de construção de conhecimento válido e inteligível e o perfil de (re)construção social da realidade.

*"A universidade que se quer pautada pela ciência pós-moderna deverá transformar os seus processos de investigação, de ensino e de extensão segundo três princípios: a prioridade da racionalidade moral-prática e da racionalidade estético-expressiva sobre*



*a racionalidade cognitivo-instrumental; a dupla ruptura epistemológica e a criação de um novo senso comum; a aplicação edificante da ciência no seio de comunidades interpretativas" (Santos, 2002:194).*

Como todos os fenómenos globais, a escola tem sempre uma matriz local (Teodoro, 2003). Transportando o conceito, podemos dizer que a universidade tem sempre uma matriz local. Uma universidade que se pretenda pós-colonial deverá partir da sua própria realidade e tentar globaliza-se a partir do local/nacional, favorecendo condições no sentido de a interpretação do mundo e a projecção do futuro dos cabo-verdianos serem feitos a partir da sua própria realidade.

## **8. Principais factores de ruptura e de continuidade**

Embora a título provisório, temos já reunidos dados que nos permitem avançar, desde já, que este trabalho de investigação dá conta da continuidade de significativos efeitos do colonialismo e da racionalidade científica ocidental na contemporaneidade cabo-verdiana, e, curiosamente, a própria Universidade de Cabo Verde constitui um dos principais sustentáculos e propiciadores desta situação. Todavia, registam-se também aspectos de ruptura veiculados por vectores tão importantes da sociedade, particularmente em atitudes e comportamentos de um ou outro docente e intelectual e de determinados grupos culturais e juvenis. Portanto, de um modo geral, o que se verifica no Cabo Verde contemporâneo é a existência de aspectos de ruptura e, ao mesmo tempo, aspectos de continuidade, variando consoante as circunstâncias.

Com relação à realidade nacional, verifica-se a existência de um significativo deficit de conhecimento sobre a realidade histórica, social e cultural de Cabo Verde; assim como é notável que, de uma forma geral, os cabo-verdianos, incluindo docentes, investigadores e dirigentes políticos e científicos, têm pouco conhecimento da África e tomam o Ocidente como referência para a (re)construção social da realidade e projecção do futuro, num ambíguo jogo de discursos políticos e práticas sociais que denotam um manifesto afropessimismo. Apesar de ser um país africano e embora muitos cabo-verdianos digam ser africanos, a África não é vista como ideal. Normalmente, os cabo-verdianos reportam-se à África para justificar o passado histórico e determinados aspectos da identidade cultural, incluindo a justificação do passado negativo, mas o Ocidente surge sempre como referência positiva e alternativa ao futuro. Como principais factores que propiciam esta flutuante forma de pensar e de ser, identifico, em primeiro lugar, a própria situação geográfica do arquipélago e a especificidade histórica e cultural de Cabo Verde. Não obstante, está

o perfil dilemático e cosmopolita do homem cabo-verdiano caracterizado pela sua abertura ao mundo e a sua fácil capacidade de inserção. Também pesa muito neste contexto o processo de (re)construção da cultura cabo-verdiana, que, no fundo, é ainda uma cultura em processo de elaboração de conteúdo e de afirmação. Para além dos referidos factores, registam-se ainda outros muito significativos, tais como: a carência de recursos naturais locais e de quadros qualificados e a consequente dependência económica e técnico-científica de Cabo Verde ao Ocidente; a formação no Ocidente da maioria esmagadora dos quadros e técnicos cabo-verdianos; o compromisso dos intelectuais com os partidos políticos; a ausência de uma massa crítica incondicional e consistente, tanto no interior da Universidade como no seio da sociedade civil; o modelo político de desenvolvimento económico e social baseado no capitalismo neo-liberal das potências ocidentais; as lógicas e as práticas do investimento externo e do processo da globalização económica neo-liberal. E neste âmbito, as migrações e as comunidades cabo-verdianas no exterior são também identificadas como factores propiciadores de ruptura/continuidade. Mais recentemente, a situação é empolgada pelas exigências da Parceria Especial entre Cabo Verde e a União Europeia, em que um dos sete pilares desta parceria obriga à convergência técnica e normativa de Cabo Verde aos países da União. De sublinhar ainda que mesmo a forma como muitas vezes é concebida, discutida e gerida a especificidade ou excepcionalidade cabo-verdiana vem dificultando a consciencialização e a assunção da sua real condição. Por último, mas não com menos importância, não se deve ignorar a interferência no país de organismos e instituições internacionais.

## **9. Das Conclusões sobre a Universidade de Cabo Verde**

Embora sejam dados provisórios, passaremos a apontar os principais factores que jogam contra a ruptura e, conseqüentemente, propiciam a continuidade, dificultando, assim, a construção de uma universidade pós-colonial.

Primeiro: A Universidade de Cabo Verde é uma universidade Pública. E, como tal ela é sempre influenciada pelo Estado. Cabo Verde viveu durante os primeiros quinze anos que seguiram à independência política sob o regime do monopartidarismo, com a ditadura do Partido - Estado. A partir de 1991, institui-se o regime pluralista, entretanto, a lógica do Governo não mudou, ou seja, mudou apenas na teoria, na prática continua a funcionar até hoje o Governo - Partido. E, conseqüentemente, a partidarização do sistema tem sido a medida corrente e sistemática da governação e

da (re)produção do poder. Assim, os grandes projectos do país e os altos cargos públicos são partidarizados, e, da mesma forma, um número significativo de intelectuais, que por serem políticos e/ou dependerem do Estado, acabam por se comprometerem com o Governo - Partido. Consequentemente, sectores estratégicos da sociedade são partidarizados, onde se inclui a administração, a justiça, a educação, o ensino superior e a investigação contratada. Deste modo, o intelectual perde a capacidade de actuar livremente, perde a possibilidade de ser, como defende Edward W. Said:

*"No fundo, o intelectual, como eu o entendo, não é nem um apaziguador nem um fazedor de consensos, mas alguém que investe todo o seu ser no sentido crítico, na indisponibilidade para aceitar fórmulas fáceis, cliclés pronto-a-usar, confirmações afáveis, sempre-tão-conciliadoras, sobre o que os homens poderosos ou convencionais têm a dizer e sobre o que fazem. Não só disponibilizando-se passivamente, mas disponibilizando-se activamente a dizê-lo em público" (Said, 1993:35).*

Essa dependência do intelectual ao Governo - Partido é reforçada pela sua dependência financeira ao Estado que é o principal empregador. Naturalmente, a universidade pública, estando sempre dependente do Estado, acabará por estar implicada no sistema e, com efeito, partidarizada. Concretamente em relação à Universidade de Cabo Verde, verifica-se uma excessiva dependência da Universidade ao centro do poder político, o que tira a esta instituição a necessária autonomia. Pois, quase tudo na universidade é determinado pelo Governo.

Segundo: existe uma forte concentração do poder da universidade na pessoa do Reitor e da sua equipa, ou seja, praticamente estes têm todos os poderes de decisão, os docentes e os outros funcionários, na realidade, limitam-se a executar as determinações superiores.

Terceiro: o modelo em rede através do qual funciona a Universidade de Cabo Verde não passa de um modelo organizacional e administrativo e na prática serve mais de trampolim e de «Franchising»<sup>1</sup> para as universidades estrangeiras, nomeadamente brasileiras e portuguesas. E, como consequência, a Universidade de Cabo Verde vende serviços de outras universidades e reproduz modelos do exterior que em muitas situações contrastam com a condição cabo-verdiana.

Quarto: Por outro lado, regista-se um reduzido e condicionado conhecimento sobre a realidade histórica, antropológica, social e cultural de Cabo Verde; uma significativa

---

<sup>1</sup> Segundo Trindade Barros (2008), o contrato de franchising é aquele pelo qual uma pessoa (o franchisador) se obriga a suportar o uso dos seus sinais distintivos de empresa (por exemplo, a marca) por outra (o franchisado), a comunicar-lhe o seu "saber fazer" empresarial e a prestar-lhe a respectiva assistência técnica, vinculando-se esta (o franchisado), mediante o controlo daquela (o franchisador), a usar aqueles sinais e, assim, a exercer a actividade empresarial nos termos do conceito recebido sem prejuízo da sua independência.

escassez e reduzida autonomia de docentes e investigadores qualificados em diferentes áreas do saber e do saber fazer. Também há uma significativa escassez de recursos materiais e financeiros. E deste modo, o sector da educação, no qual se insere a Universidade é directamente afectado.

Entretanto, o fenómeno de globalização impõe novos desafios aos sistemas educativos, nomeadamente os dos países em desenvolvimento, como é o caso de Cabo Verde, onde a capacidade do Estado em financiar a educação é muito limitada. A política neo-liberal do Estado cabo-verdiano e a progressiva inserção da sua economia na economia globalizada coloca enormes desafios ao sistema educativo em termos de qualificação dos seus recursos humanos indispensáveis.

Em jeito de conclusão, é de registar que a construção de uma universidade pós-colonial, numa sociedade com profundas marcas do colonialismo e herdeira da racionalidade hegemónica ocidental, como é o caso da sociedade cabo-verdiana, entre outras medidas, implica, necessariamente, a definição de um modelo de universidade e um perfil sociológico da mesma, ou seja, um modelo de construção de conhecimento válido e um perfil de (re)construção social da realidade. Para tanto, há também que (re)avaliar o próprio sistema educativo, no sentido de ver o seu grau de implicação na universidade. Assim como há que (re)pensar o poder político e as diferentes de relações sociais.

*"É por via do conhecimento válido que uma dada experiência social se torna inteligível. Não há, pois, conhecimento sem práticas de relações sociais. E como umas e outras não existem senão no interior de relações sociais, diferentes tipos de relações sociais podem dar origem a diferentes epistemologias" (Santos, 2009: 9).*

## Referências Bibliográficas

Afonso, Almerindo Janela (2003), "Estado, globalização e políticas educacionais: elementos para uma agenda de investigação", *Revista Brasileira de Educação*, 22, 35-46.

Cabral, Amílcar (1977), *Obras escolhidas de Amílcar Cabral/textos coordenados por Mário de Andrade*. Lisboa: Seara Nova.

Derrida, Jacques (2003), *A Universidade sem Condição*. Coimbra: Angelus Novus.

Meneses, Maria Paula G. (2005), "A questão da 'Universidade Pública' em Moçambique e o desafio da abertura à pluralidade de saberes", in Teresa Cruz e Silva, Manuel Mendes de Araújo e Carlos Cardoso (ogs.), *Lusofonia em África: história, democracia e a interrogação africana*. Dakar: CODESRIA, 45-66.

Mignolo, Walter (2003), "Os esplendores e as misérias da ciência: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistémica", in Boaventura de Sousa Santos (ed.), *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as*

*ciências revisitado*. Porto: Afrontamento, 631-671.

Readings, Bill (2003), *A Universidade em Ruínas*. Coimbra: Angelus Novus.

Said, Edward W. (1993), *Representações do Intelectual - As Palestras de Reith de 1993*. Lisboa: Edições Colibri.

Santos, Boaventura de Sousa (1989), *Introdução a uma Ciência Pós-moderna*. Porto: Afrontamento.

Santos, Boaventura de Sousa (2002), "Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências", in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, 237-280.

Santos, Boaventura de Sousa (2002), *Pela Mão de Alice: O Social e o Político na Pós-modernidade*. Porto: Afrontamento.

Santos, Boaventura de Sousa (2003), *Um Discurso sobre as Ciências*. Porto: Afrontamento.

Santos, Boaventura de Sousa (2004), "Do pós-moderno ao pós-colonial. E para além de um e outro", Conferência de abertura do *VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*. Coimbra.

Santos, Boaventura de Sousa (2004), «*Globalizações Alternativas e a Reinvenção da Emancipação Social*», Seminário do Programa de Mestrado e Doutoramento em Sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Pós-colonialismos e Cidadania Global, Ano lectivo 2005-2006, Coimbra.

Santos, Boaventura de Sousa (2005), *A Universidade no Século XXI: Para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade*, Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, <[www.ces.uc.pt/bss/documentos/auniversidadedodecxi](http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/auniversidadedodecxi)>.

Santos, Boaventura de Sousa (2006), *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. Porto: Afrontamento.

Santos, Boaventura de Sousa (Org.) (2003), *Conhecimento Prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. Porto: Afrontamento.

Santos, Boaventura de Sousa; Meneses, Maria Paula (Orgs.) (2009), *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina.

Teodoro, António (2003), *Globalização e Educação: Políticas Educacionais e Novos Modos de Governação*. Porto: Afrontamento.

Tolentino, André Corsino (2006), *Universidade e Transformação Social nos Pequenos Estados em Desenvolvimento: O Caso de Cabo Verde*. Tese de Doutoramento em Ciências da Educação: Educação Comparada, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

## Nota biográfica

**Gaudino Cardoso**, de nacionalidade cabo-verdiana, é Doutorando em Sociologia/Pós-colonialismos e Cidadania Global pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, em parceria com o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra; Mestre em Estudos Africanos pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Licenciado em Antropologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; em Cabo Verde, é quadro definitivo do pessoal do Instituto das Comunidades e docente no Instituto Superior de Ciências Jurídicas e Sociais.

Contacto: [gaudino.cardoso@ic.gov.cv](mailto:gaudino.cardoso@ic.gov.cv)